



Diretor- Redator-Chefe: Sebastião A. B. de Carvalho (ABI)

Vice-Diretora: Rosa Maria Werneck Rossi de Carvalho

DIVULGANDO A LITERATURA E AS ARTES PLÁSTICAS

ANO: 03

NOVA FRIBURGO RJ, 2 de fevereiro de 2016

Nº 15

E as águas chegaram...



Nossa bela cidade de Nova Friburgo, fundada nos agradáveis vales da Fazenda do Morro Queimado, vizinha de outra aprazível propriedade, a Fazenda do Cônego, ambas conhecidas e visitadas pelo famoso garimpeiro Manoel Henriques, o Mão de Luva, (*) está nos oferecendo um verão com abundantes chuvas, o que garante um bom abastecimento de água e uma proteção contra queimadas em nossas matas. Livres da escassez de água, da ameaça de incêndios e da poluição industrial, já que não temos, aqui, exploração de minérios e outras atividades poluidoras, vivemos em paz com a natureza, oferecendo aos que nos visitam um clima salubre, extremamente agradável. Com a chegada das chuvas, estamos alertas e precavidos, mas confiantes nas medidas já tomadas. (Foto: O rio Cônego, 16/01/2016)

*Ver: "A Odisseia de Mão de Luva" www.nitcult.com.br/odisseia.pdf -pág. 87.

Mensagem do Diretor do Jornal Cultural



Jornalista Sebastião A.B. de Carvalho

Mão de Luva e as Fazendas de Morro Queimado e do Cônego

Historiadores, jornalistas e curiosos que se interessam por Nova Friburgo costumam abordar esta região somente a partir de quando aqui foram fixados os colonos suíços, como se tudo tivesse começado a partir daí. Todavia, Nova Friburgo não apareceu, assim, do nada! Há todo um grande arcabouço que lhe antecedeu, fazendo parte da história do Brasil Colônia, e precisamente na região em tela, havia duas fazendas importantes: Morro Queimado e Cônego.

Importa notar que essas terras eram bem conhecidas do célebre garimpeiro Manoel Henriques, o Mão de Luva, desbravador da região que pertencia a Cantagalo, de onde foi desmembrada Nova Friburgo.

A Fazenda do Morro Queimado foi justamente onde os colonos suíços inicialmente se localizaram. Depois foram partindo para o norte, aproveitando-se de benesses governamentais, o que lhes garantiu a posse de terras adequadas ao cultivo e à criação. Terras mais planas e de clima menos frio, e onde já se cultivavam cereais com uso do trabalho escravo.

Essas terras doadas aos colonos foram as mesmas “datas” criadas após a expulsão de Mão de Luva. Tentaram, antes, reerguer a mineração, sem bom êxito, razão pela qual partiram para a agricultura, redundando, finalmente, na próspera lavoura cafeeira. Os colonos suíços aproveitaram a oportunidade de terras e escravos, construindo poderosas fazendas, que lhes proporcionaram riqueza e poder.

Já a Fazenda do Cônego, caminho natural para a Serra de Cachoeiras de Macacu, foi usada por Mão de Luva e seus associados, no contrabando do ouro proveniente do Descoberto do Macacu - Cantagalo. Era uma das rotas percorridas pelas “frotas”, para se chegar ao Rio de Janeiro, segundo relato oficial da época, reproduzido no livro “A Odisseia de Mão de Luva”, na página 87.

“Esta Fazenda do Cônego é mencionada em documento oficial produzido na década de 1780 dando conta de que uma das rotas usadas pelos contrabandistas de ouro dos Sertões do Macacu, os companheiros de Mão de Luva, passava justamente pela referida propriedade, como mostra o seguinte relato, constante do Relatório de São Martinho, ao pé de um mapa estatístico sobre o ouro encontrado no Descoberto:

“Não se achou mais ouro porque as frotas (como elas se chamavam) de que era condutor João dos Santos, pela picada de Paraíba, e a outra dos Lopes, pela picada de Macacu, que passa pela Fazenda deixada do Cônego, saíram pela Semana Santa para o Rio de Janeiro.”

Até hoje se mantém conservada parte da sede da Fazenda do Cônego, situada no coração do bairro do Cônego. Leia o livro, acessando:

www.nitcult.com.br/odisseia.pdf

Vincent van Gogh, mestre na pintura e na filosofia...



Estamos assumindo o extraordinário artista plástico VINCENT VAN GOGH como patrono de nossos trabalhos no âmbito das letras e das artes, tendo em vista não só a sua notável obra material, mas também o legado de suas considerações expressas em várias oportunidades. mostrando tratar-se de um Ser de alta envergadura espiritual.

Pinturas de Vincent van Gogh

Trechos sobre o trabalho de Van Gogh, com observações do artista expressas em cartas ao irmão Theo

Numa carta a Theo, Van Gogh escreveu:

“Há duas maneiras de pensar sobre pintura, como não fazê-lo, e como fazê-lo: *como fazê-lo* com muito desenho e pouca cor; *como não fazê-lo* - com muita cor e pouco desenho.”

Van Gogh acreditava firmemente que para ser um grande pintor teria que antes dominar o desenho, antes de adicionar cor. Com o passar dos anos, Van Gogh claramente dominou o desenho e começou a usar mais cor. Em tempo, um dos aspectos mais reconhecidos da pintura de Van Gogh veio a ser seu pesado uso de cor. Isso se evidencia tanto em [paisagens](#) como em suas [naturezas mortas](#).

Cerca de um ano antes de sua morte, Van Gogh predisse que haveria um grande “pintor do futuro” que saberia como usar as cores como ninguém e se tornaria o futuro da pintura. Ele expressou isto numa carta para seu irmão Theo em maio de 1888,

“Quanto a mim, continuarei trabalhando, e aqui e ali algo de meu trabalho se mostrará de valor permanente - mas quem haverá de alcançar em pinturas o que Claude Monet alcançou em paisagens? Contudo, você deve sentir, como eu, que alguém assim deve estar a caminho - Rodin? - ele não usa cor - não será ele. Mas o pintor do futuro será *um colorista como nunca foi visto*.

Mas tenho certeza de que estou certo ao pensar que ele virá numa vindoura geração, e cabe a nós fazermos tudo que possamos para encorajá-lo, sem questionamentos ou reclamações.”

Durante sua vida, Van Gogh nunca foi um pintor famoso e lutou para sobreviver como artista. Van Gogh somente vendeu uma pintura em sua vida [The Red Vineyard](#). Pintura vendida em Bruxelas por 400 Francos apenas poucos meses antes de sua morte.

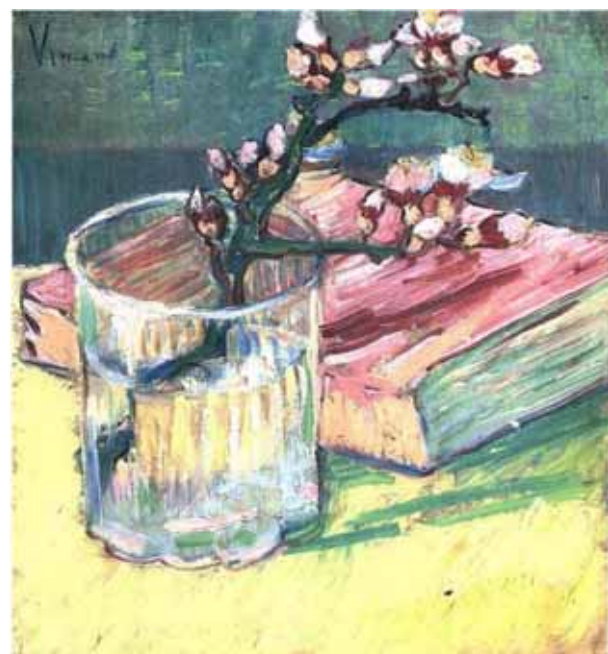
Vincent van Gogh morreu com a idade de 37 anos, dando fim à sua carreira como pintor mas iniciando seu legado como o grande pintor do futuro, que inspirou o mundo...

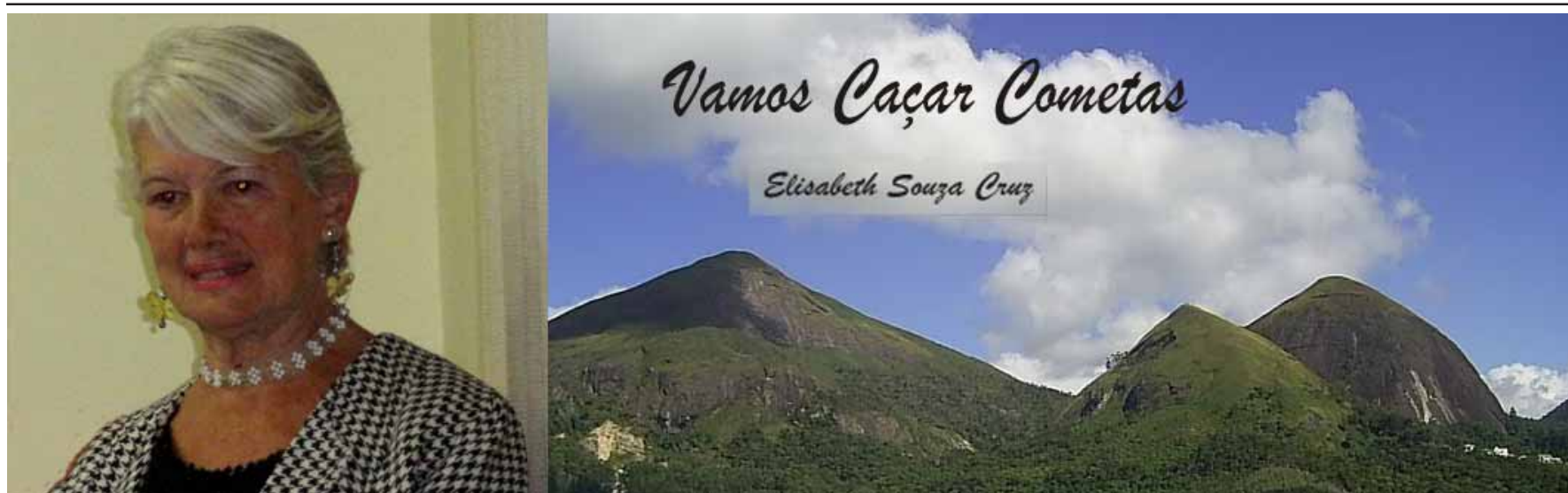
Cerca de uma semana após sua morte, o irmão de Van Gogh, Theo, escreveu a sua irmã, sobre o legado de Van Gogh como um grande.

(Traduzido e condensado de Van Gogh Gallery of Art por SABC)

Um quadro de van Gogh

Vincent van Gogh - óleo sobre tela. Ramo de amendoeira em flor, num copo, com um livro.





Uma crônica 3x4

Precisando de uma foto 3x4 para um documento, fui até uma loja especializada em artigos fotográficos. Enquanto aguardava os procedimentos da impressão, aproximou-se do balcão uma senhora, solicitando um filme de 36 poses. Além da compra, a senhora pediu ao funcionário que colocasse o filme na máquina. Bastou a cena para que a memória fotográfica revelasse episódios da minha infância, lá pelo início da década de 60. Fotografia era coisa séria. Mamãe, com sua “Arrow, Modelo Cinquentenário”, exigia bom comportamento na hora das poses. Nada de movimentos, de fazer caretas ou de franzir os olhos.

Mesmo em preto e branco, não se admitia perder uma fotografia com bobagens. Os cuidados incluíam a observação de que “não entraria claridade” e até que a máquina fizesse o barulhinho do clique, indicando que a foto fora batida, eu e meu irmão devíamos permanecer imóveis. Quando mamãe queria belas poses e boa qualidade, lá íamos nós para o retratista e o estúdio do Pinguinho garantia a competência de seus serviços. Quantas fotos de carnavais com as belas fantasias que mamãe costurava. Como não tinha rede social para postar as fotos, mamãe nos exibia pelas ruas e assim garantia os elogios para suas habilidades de artesã da costura.

O tempo passou e, de modelo fotográfico mirim de mamãe, eu passei a ter minha própria câmera – uma Kodak Instamatic, moderna, com flash e opções para dias de sol, nublado e chuvoso. Era um avanço e tanto, possibilitando até fotos coloridas. Contudo, era ainda preciso esperar uns quatro dias para a revelação. O Foto Marabá, da Rua São João, era responsável pela tarefa de encaminhar o filme para a capital e nos devolver em fotos. A expectativa era sempre muito grande. Será que ficou bom? Será que perdemos alguma pose? Essas, entre outras, eram preocupações constantes. E o medo de o filme extraviar? Só de pensar em tal hipótese, arrepiava até a alma!

Quando o envelope chegava era um deus nos acuda. Surpresas, alegrias e, não raro, uma decepção, pois, acontecia de a foto mais esperada queimar, ou sair muito escura, muito clara ou o personagem principal sair de olho fechado e coisas assim. Diferente da matemática, não era uma coisa com resultado exato. Ninguém podia garantir uma revelação 100%, pois fatores alheios à nossa vontade eram como fantasmas rondando as expectativas. Contado assim, chega a ser dramático, embora fosse o moderno da época. De qualquer forma, existia glamour na arte de fotografar.

Coisa alguma dessas experiências se parece com o que temos hoje. O que se viu de uma Polaroid fazendo foto instantânea é coisa pra lá de superada diante das novidades. A fotografia ganhou o status de gênero de primeira necessidade. Ficou tão fácil fotografar que até as criancinhas,

antes mesmo de aprenderem a ler, já o fazem com desenvoltura. Revelar uma fotografia é muito mais do que torná-la um papel impresso – revelar é mostrar! É postar nas redes sociais – o que dispensa qualquer esforço físico ou mental, tamanha a facilidade. O que hoje se traduz como uma foto instantânea é a rapidez de sua publicação.



Estar num restaurante comendo sashimi não terá a sutileza do prato se o evento não for compartilhado. Nesses tempos de tecnologia avançada, tudo o que se quer é mostrar - onde estou, o que eu compro, o que bebo, o que faço ou deixo de fazer. Risos e caretas são sinais da felicidade de postar seus acontecimentos. O hambúrguer, o cachorro-quente, a lasanha, a bolsa de marca, o carro novo... Coisa alguma pode ficar no anonimato. Tudo merece uma postagem, pois, se não for assim, a foto não vale a pena. Pedindo licença a Fernando Pessoa, eu escreveria um novo poema – tudo vale a pena se a foto for publicada!

Fútil exibicionismo!

Sebastião A.B. de Carvalho

Isso que a confrade Elizabeth descreve, e a que assistimos diuturnamente, nas redes sociais, comandadas por pessoas que vivem “aferradas” aos seus telefones móveis até nas horas das refeições -- é uma doença mental que precisa ser debelada o quanto antes!

É impressionante a dependência que se estabeleceu coletivamente especialmente em nossa juventude, mas que atinge também a pessoas não tão jovens! Para comprovar, é só prestar atenção aos que transitam nas calçadas, nas praças, que usam conduções, enfim gente que se vê em toda parte...

A vulgarização da tecnologia da comunicação, que colocou nas mãos da massa despreparada poderosos instrumentos antes usados somente pelos profissionais das artes gráficas -- causou esta banalização dos veículos, a ponto de ficar a Internet lotada de frivolidades, indecências e agressões, ao lado de algumas poucas iniciativas positivas de ajuda a necessitados e de solidariedade humana, com o que destoam frontalmente. Não sabemos até onde irá o despautério, mas torcemos para que acabe logo! Afinal, precisamos continuar crendo na Humanidade!



DE PILOTO DE LIVRO DIDÁTICO A AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO

Um título instigador, sem dúvida, a ocupar este espaço, parece perda de tempo porque todo docente trabalha com livros, apostilas e textos variados nas suas aulas. Refletir sobre essa questão é, no entanto, importante porque decorre do tipo de comportamento didático a maior ou menor realização dos docentes.

A experiência pessoal em contato com várias regiões brasileiras coloca-me frente a frente com pessoas realizadas e, muitas, sem ânimo e vontade de continuar. Tal fato é grave porque nenhum país do mundo cresceu sem a educação de seu povo.

Este “piloto de livro didático” enjaulado no título do artigo é aquele que se fixa unicamente na peça de ensino adotada pela instituição, seja ela particular ou pública. Não está conectado ao contexto e, por isso, despreza jornais, entrevistas e desdenha as perguntas feitas pelos educandos com a máxima-chavão de muitas décadas: isso não faz parte do programa.

Encontrei, certa feita, com um educador marcadamente transformador que aproveitava as suas aulas de química para alertar aos seus alunos sobre a consequência da ingestão de anfetaminas sobre o organismo. Dentro da matéria a ser lecionada este educador aproveitava várias oportunidades para transformar, alertando seus alunos sobre questões graves que envolvem a saúde física e mental com consequências diretas sobre o comportamento social. Isso lhe dava alegria para trabalhar.

Pois quiseram transformá-lo num piloto de livro didático proibindo-o de tratar de assuntos não pertinentes ao programa, afirmando alguns coordenadores desse docente que as questões sobre drogas deveriam ser tratadas em outro âmbito.

Triste fim momentâneo teve este mestre. Foi demitido porque não obedeceu às diretrizes de sua coordenação acadêmica.

Mudou de escola, continuou em outro espaço fazendo o que sua consciência indicava e, agora, a instituição nova permitia.

Mas são poucos os que têm essa coragem, a maioria, creio, acomoda-se e, para defender o ganho necessário, tornam-se pacatos cordeiros, fiéis aos livros e apostilas, agindo sem sabor no dia-a-dia da sala de aula.

Os que transformam são contextualizadores. Ensinam e se preocupam com o aprendizado dos alunos. Vão além dos livros porque estão preocupados com a vida e a felicidade das pessoas. Seguem uma

indicação sábia de Einstein que afirma ser o conhecimento um caminho para a felicidade.

Quando um docente percebe que é um piloto de livro didático sua tristeza é profunda se ele for comprometido com a transformação. Mas, este, sem dúvida, percebendo as origens das angústias, busca uma saída que lhe devolva a felicidade que todo profissional necessita ter, mesmo que acarrete uma mudança de emprego. Este profissional além de competente é ousado por compreender a sua missão social e humana.

Já o piloto de livro didático, medroso e submisso carrega consigo as amarguras de uma ação que nunca deveria ser sua. Essas ações, infelizmente destroem nas pessoas o seu amor incondicional pelo trabalho com gente.

A educação é um metatrabalho porque vai além do quadro de giz, além do espaço físico das salas de aula, além dos textos e se embrenha pelo emaranhado complexo da vida das pessoas.

Ter coragem para ser transformador de situações é um imperativo para a realização na profissão de educador.

Sadio Inconformismo

Sebastião A.B. de Carvalho

Mais uma vez o Prof. Hamilton Werneck aborda, com sua conhecida maestria, assunto de relevante importância pedagógica e educacional, para gaudío de nossos leitores.

Ele discorre sobre a atuação do professor em relação ao material didático, especialmente ao livro adotado, tecendo considerações sobre o aprisionamento do professor ao que lhe é imposto e, em contrapartida, à liberdade que o mestre pode e deve assumir, livrando-se de uma dependência escravizante e estioladora, que faz das aulas um enervante exercício de chatice e melancolia!...

Hoje, mais do que ontem, essa postura libertária deve prevalecer, pois o professor está diante de alunos que tem acesso a uma infinidade de informações, antes inatingíveis, graças ao vertiginoso progresso das comunicações, o que fez do mundo uma aldeia global.

Assim, aqui fica a questão: como satisfazer às necessidades intelectuais desse aluno que tem a seu alcance toda a herança cultural da humanidade, bastando fazer alguns cliques em seu notebook? É muita informação para uma mente que ainda não obteve a maturidade que só os anos trazem! Cabe, portanto, ao mestre orientar o aluno na organização desse material, cuidando sempre para que ele - também ele - não se torne prisioneiro dos invólucros pré-concebidos e das ideias mirabolantes, buscando o equilíbrio na conquista do saber cada vez mais vasto que a humanidade vem conquistando.

Os Invólucros do Ser

OBRA de mahabhutani e indrananda, inspirados por sri ramana maharshi - aqui publicada em capítulos mensais

10. SAMADHI

Ao chegarmos ao topo da Montanha Sagrada, o Iluminado, que estará apenas no seu corpo espiritual, será alçado em um vô glorioso, ao reino do Samadhi.

Puro como um brilhante, o Iluminado, essência pura do Ser, fará de seu coração o altar místico, e nele serão depositadas as dádivas, em forma de Amor.

Estar em Samadhi, embora implique em merecimento, é uma dádiva dos Céus para os mais puros seres que compõem a Humanidade. Não é à custa de esforços técnicos, como apregoam muitos yogues, que se consegue obter tal beatitude!

Imaginemos que Samadhi seja um lugar, uma morada, onde habitam os Mestres, os Sábios, as divindades!... Como chegar lá, e permanecer?

Só há um Caminho, dentre os caminhos, que pode conduzir a tão nobre e sublime morada: o Caminho do Amor Incondicional e do Serviço à causa da Humanidade!

Não procure o Samadhi! Ele não tem forma, não tem cor... É a Essência pura do SER!...

Pode ser considerado um estado de Consciência, porém é mais do que isso!

É uma comunhão total com o Universo Cósmico Oniabarante, que não pode ser descrito, nem ao menos imaginado!

Neste vô glorioso não existem forma e corpo.

Somos levados por energias, energias multicores, em total meditação!...

Unificados, transcenderemos, envoltos numa Grande Luz...

Somos Deus, semeando o Universo...

Amor... Humildade e União!...

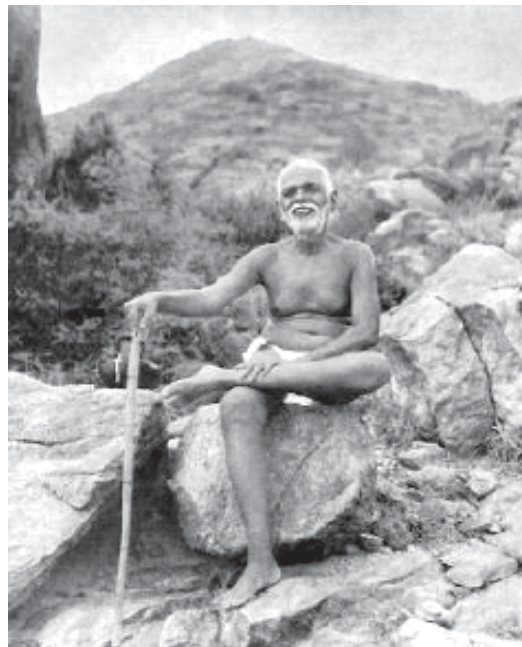
Portanto, o Discípulo não deve se preocupar em atingir ao Samadhi, mas, sabendo que ocorre naturalmente com aquele que segue a doutrina e pratica a meditação -- confiar que essa dádiva não lhe será negada, mas outorgada, no devido tempo, de modo completo e definitivo!

CONVERSANDO COM O MESTRE



O Discípulo pergunta e o Mestre esclarece

SOBUHIR



1- Disc. = Há diferença entre Samadhi e Nirvana? Qual? Mestre = Essencialmente, não! Mas se considerarmos certas diferenças entre Hinduísmo e Budismo, poderemos notar algumas...

A principal refere-se ao modo como essas religiões ou filosofias encaram a vida do homem no mundo e sua evolução. O Budismo enfoca o sofrimento e busca a sua extinção; o Hinduísmo, por sua vez, acentua a necessidade da união amorosa com a Divindade, na busca do êxtase espiritual. Portanto, Nirvana é, de certa forma, *passivo*, ao passo que Samadhi é marcadamente *ativo*.

Todavia, o assunto não é tão simples assim, visto que ambas as confissões trabalham para o mesmo objetivo de unificação com o Ser, que é Deus!

2- Disc. = Para estar em Samadhi, é preciso que o Iniciado esteja num lugar especial, ou não?

Mestre = Essa pergunta faz-me lembrar de certas colocações em que se diz que não adianta o peregrino abandonar a vida em família e na cidade, para meditar na mata ou na floresta... Para onde ele for, levará tudo aquilo de que não se livrou, estando incrustado em sua mente! É certo que um lugar confortável e harmonioso facilita a meditação, sendo contudo apenas exigências pessoais! Um lugar mais simples pode até facilitar. Porém quem está pronto espiritualmente, pode meditar em qualquer condição!

3- Disc. = Estar em Samadhi pode ser, para alguns, uma fuga da realidade?

Mestre = Estar em Samadhi nunca é fuga da realidade, mas encontro com a verdadeira Realidade. O que se diz a esse respeito é sobre fuga da realidade física, que é Maya, ilusão! A essa questão dizemos que sim! Há pessoas que, conscientemente ou não, usam uma pseudo-meditação para justificarem a fuga de suas obrigações mundanas e mesmo espirituais! Uma lástima, mas que ocorre com frequência!

4- Disc. = Estando em Samadhi, obtem-se ensinamentos? Mestre = Certamente! Nesse maravilhoso estado, temos pleno acesso à Realidade, e assim aurimos preciosos ensinamentos, que iluminam nossa vida, e de nossos semelhantes!



Este jornal convidou o literato e professor ROBÉRIO CANTO para colaborar com este novel órgão de divulgação das letras e das artes de Nova Friburgo. O ilustre acadêmico aceitou prontamente, autorizando-nos ao uso de escritos existentes em seu blog e livros. Continuamos publicando seus escritos...

Maneiras de dizer

Uma é Pelé, o outro é Fernando Henrique Cardoso, e mais aquele que consegue ser, em dias alternados, Vera Fischer e Mike Tyson - Do livro "Menina com flor"

Foi ali um instantinho e já volta

Pode contar que vai demorar. No Brasil, quando o sujeito diz que vai sair para tomar um cafezinho, sabe-se lá aonde esse cara vai e quando vai voltar, se é que vai voltar. Pior ainda se o paletó ficar abraçado ao encosto da cadeira. Há pessoas que parecem pensar que o paletó as representa muito bem e está capacitado a atender a qualquer um que tenha o mau gosto de procurá-las.

Sei de um caso em que essa história de "foi ali um instantinho e já volta" levou anos para ser concluída. O sujeito saiu para comprar cigarro. O barzinho ficava só a 5 minutos do apartamento. Meia hora depois, a mulher se deu conta de que o marido estava demorando. Uma hora, começou a ficar preocupada. Duas horas, foi ela própria até o bar. O resto do dia gastou em telefonemas para conhecidos, hospitais e polícia. Nada de nada, nunca mais. Três ou quatro anos depois, um vizinho está em São Paulo e vai assistir a um jogo no Pacaembu. Estádio lotado, não havia espaço nem para tirar a mão do bolso. Alguém ao lado lhe pede para acender o cigarro e ...

Nem preciso contar o resto. O leitor e a leitora, inteligentes do jeito que são, já entenderam tudo. Era aquele cidadão que tinha saído de casa um instantinho e nunca mais voltara. "Se eu falasse que ia embora, ela fazia um escândalo. Aí, resolvi sair de fininho..."

Ela é bonitinha

Até ser gentil está ficando difícil. Outro dia conheci uma senhorita, conterrânea dos Sarneys, e lhe disse que ela parecia mesmo maranhense, tendo ela me perguntado o que isso significava. "Moreninha, bonitinha...", foi o que respondi, achando que estava sendo muito galante. A moça não entendeu assim e retrucou que "bonitinha é quase feia". Não satisfeito de ter dito a primeira besteira, acrescentei a segunda: "Já me disseram que bonitinha é uma feia bem vestida", do que, louvado seja o bom humor feminino!, a jovem achou graça.

Portanto, para dirimir qualquer dúvida, passada, presente ou futura, deixo consignado em ata que, quando atribuo a alguém o título de "bonitinha", estou querendo dizer que: a) essa pessoa pode não ser uma dessas belezas arrebatadoras que enfeitam capas de revistas e telas de televisão; b) também não chega a

ser nenhum Corcunda de Notre Dame; c) enfim, está naquele meio termo em que a pessoa pode ser chamada, sem ofensa, de... digamos assim... ..bonitinha.

Não é que eu queira fazer fofoca, não, mas...

Haja ouvidos e paciência, porque esse prólogo invariavelmente dá início a uma sessão completa de mexericos. Há quem garanta que o disse-me-disse é essencial à sanidade mental das pessoas. Segundo essa teoria, falar mal de alguém, fazer uma intriga, levantar uma suspeita, ao menos de vez em quando, é sinal de equilíbrio e bom senso. E a prova disso é que, nos hospícios, os internos não andam inventando enredos para complicar a vida dos outros. Ao contrário, falam quase exclusivamente de si mesmos: uma é Pelé, o outro é Fernando Henrique Cardoso, e mais aquele que consegue ser, em dias alternados, Vera Fischer e Mike Tyson. Já o pessoal tido como mentalmente são, como gosta de uma fofocaria!

Creio que é de Machado de Assis o conto no qual um falastrão afirma estar certa jovem prometida em casamento a um amigo seu. Infelizmente para ele, o pai da moça estava presente e exige do fofoqueiro o nome do autor daquela calúnia. A seguir, saem os dois à procura do primeiro acusado, que diz ter ouvido a história de um terceiro. E este aponta outro, que nomeia mais outro. A busca parece infundável! Os dois percorrem vários bairros do Rio, vão a Niterói e voltam, até que chegam ao suposto autor da história. Diante da enfurecida bengala paterna, o homem esclarece: "Mas foi o senhor mesmo que me contou isso!"

Daí se conclui que fazer fofoca pode ser saudável, mas é também uma arma que frequentemente se volta contra quem a dispara.



“A Odisseia de Mão de Luva” é tema de palestra para professores em Boa Sorte

Importante evento (11/11/15) coloca Boa Sorte na vanguarda cultural



O Prof. Douglas, coordenador do evento, forneceu cópias do livro A ODISSEIA DE MÃO DE LUVA

Por iniciativa do Professor DOUGLAS ROSA DE SOUZA, e patrocínio da Secretaria Municipal de Educação de Cantagalo, realizou-se, dia 11 de novembro de 2015, no Espaço Cultural Hermir Gil Caetano, da Loja Almek, em Boa Sorte - Cantagalo RJ, uma palestra sobre o livro A ODISSEIA MÃO DE LUVA, proferida seu autor, o sociólogo e jornalista Sebastião Antonio Bastos de Carvalho. (foto Laura Belizário)



Participaram professores de História e Geografia da rede municipal de ensino, capitaneados pelo Professor Douglas, que leciona Geografia e é um entusiasta pelo progresso do ensino na região.

A palestra aconteceu no bojo do Encontro de Encerramento do Ano Letivo, quando os professores puderam proceder a uma avaliação de seu trabalho, e tecerem ideias para a atuação no próximo ano.

A Secretaria Municipal de Educação providenciou condução para os professores e palestrante, de Cantagalo para Boa Sorte, com retorno após o evento.



Sebastião, Rosa Maria e Douglas (centro) Diego (direita), Elenisse, Jessica, Adriana, Cassia, Rogelia, Gabriela, Telma, Vanessa. FOTO: Laura Belizário, organizadora de eventos da ALMEK, a quem agradecemos as gentilezas.



Após a palestra, os participantes tiveram um lanche, após o que se dirigiram à condução para regresso a Cantagalo



Sede da ALMEK, onde tem acontecido eventos importantes colocando Boa Sorte na vanguarda cultural.

Para obter, agora, uma cópia do livro A ODISSEIA DE MÃO DE LUVA, acessar:

www.nitcult.com.br/odisseia.pdf



Artista brasileira resgata a arte impressionista de Van Gogh

Rosa Maria coloca sua inspiração a serviço do resgate da beleza, exaltada pelos artistas impressionistas europeus

FAREMOS, aqui, a divulgação da obra de ROSA MARIA WERNECK ROSSI DE CARVALHO, reproduzindo telas por ela pintadas. Apresentamos algumas de suas mais recentes produções, nas quais ela nos oferece um belo visual multicolorido, exprimindo seu amor pela natureza, numa interpretação plena de sensibilidade e técnica.

GALERIA RM CARVALHO - 6



70x50 - 73 = Tulipas vibrantes



70x50 - 74 = Girassóis



50x70 - 75 = Casa no campo



50x70 -57= Stars, Trigo, Pinho



ROSA MARIA nunca frequentou curso de desenho e pintura, nem foi precocemente introduzida nas artes plásticas. Simplesmente, um dia, ela resolveu tentar pintar aquilo que estava vendo com sua visão interna! A influência do Mestre Vincent van Gogh faz-se sentir, e ela então se entrega ao trabalho com grande entusiasmo e devoção. No ritmo que a vida normal permite, Rosa Maria faz o seu trabalho!...